

Reflexões sobre a pandemia - Coronavírus

(*) Dr. Flávio Ordones

Diante de muitas discussões sobre diversas teorias que regem as decisões sobre como enfrentar a epidemia, vemos que muitos países tomaram diferentes decisões acerca do tema. Trata-se de um "jogo", sem certo ou errado, com diferentes pontos de vista que, no entanto, traz mais ou menos consequências numa cascata cíclica envolvendo população – saúde – economia – e novamente população.

Para uma discussão precisa é necessário conhecer exemplos de sucesso como, por exemplo, o que ocorreu em Singapura e Taiwan , e também aprender com os fracassos, como o que está acontecendo atualmente na Itália , Espanha , Estados Unidos e Inglaterra.

Alguns pontos a serem considerados e que são associados ao sucesso dos países descritos acima são:

* Tempo para início da ação. Singapura começou a rastrear potenciais casos importados ainda em janeiro, exigindo assim isolamento de todos os comunicantes. A medida também incluiu testes em massa: desde cedo, insistindo no confinamento dos testados positivos e seus contactantes. Testar em massa dá uma ideia real do número de casos e transmissibilidade.

O Reino Unido inicialmente adotou outra estratégia. Simplesmente considerava que a população seria exposta e iria se imunizar. No entanto, essa decisão fez com que o Sistema de Saúde local ficasse sobrecarregado e sem condições de assistir adequadamente o número de doentes infectados graves pelo COVID-19, de tal sorte que o Primeiro Ministro Boris Johnson rapidamente (e com um semblante transtornado) voltou atrás, decretando assim o isolamento ou confinamento social. Assim como na Itália , o Reino Unido apresentou portanto uma curva aguda ou em pico.

Muitos especialistas discutem a curva do número de pacientes acometidos – se a curva tem que ser aguda ou achatada: a diferença consiste meramente em controlar a

velocidade com que o número de casos acontece. Evita-se portanto, um número grande de pacientes desassistidos, uma vez que os casos vão chegando aos poucos, de acordo com a capacidade de leitos do país em questão.

Mas acredite, no final, o número de casos é o mesmo, uma vez que a área da curva é a mesma nos dois tipos de gráficos, como defende Hsu Li Yan, da Saw Swee Hock School of Public Health –Singapura. Trata-se de uma questão de conhecer a capacidade do seu sistema de saúde.

Sendo assim, parece que iniciar medidas *antes mesmo do primeiro caso* e teste em massa (o que é caro e difícil para países com número grande de habitantes) parecem ser a estratégia ideal. Conhecer a retaguarda da rede de saúde disponível é fundamental (número de leitos de UTI por 100mil habitantes 25 no Brasil, 12 na Itália, 9 Espanha, 6 na Inglaterra porém 34 nos Estados Unidos, segundo dados do "The variability of critical care bed numbers in Europe". *Intensive Care Medicine*.

Conhecer a capacidade de atendimento é um ponto crucial e a agilidade na tomada de decisão também. Na quinta-feira (26), o prefeito de Milão, Giuseppe Sala, pediu desculpas por não ter prolongado o isolamento social e ter apoiado a campanha "Milão não para".

Dizer que o vírus vai matar muita gente, que será uma tragédia e que os menos favorecidos vão sofrer mais é simplesmente "mais do mesmo". É preciso iniciar discussões a respeito dos próximos passos e indicar possíveis soluções. A grande discussão do momento é o impacto econômico de um confinamento em massa por longo prazo. Claro que o impacto é grande, ainda mais em um país com 38 milhões de trabalhadores informais. Mas não podemos desvincular um do outro.

Os hospitais já estão ficando lotados e, infelizmente, o confinamento em massa no momento, parece o melhor a ser feito até que os ditos testes-rápidos cheguem (tarde, mas chegarão) e assim, tenhamos como testar o maior número de pessoas possível, insistindo e orientando a quarentena dos positivos e dos contactantes, além dos

idosos e crianças. A partir de então podemos pensar em confinamento seletivo e gradualmente voltar a vida normal. Parece fácil, mas não é. Leva tempo e é passível de erro.

(*) Dr Flávio V Ordones é Urologista em São Paulo, especialista referência em Cirurgia Robótica para tumores urológicos e EndoUrologia, Professor Voluntário da Disciplina de Urologia da Faculdade de Medicina de Botucatu - UNESP.